

MAGIA E ENCANTAMENTO NO ISLÃ: AMULETOS E PRÁTICA RELIGIOSA POPULAR

Magic and Incantation in Islam: Amulets and Popular Religious Practice

Natasha Ferreira Martins¹
Maycon Torres²
Thamires Guimarães³

RESUMO

Práticas mágicas são produtos religiosos semióticos e semanticamente sincréticos, articuladas com aspectos específicos das práticas religiosas populares. No Islamismo, a magia se manifesta por meio de amuletos e talismãs, contendo os nomes de Deus e trechos do Alcorão. O objetivo deste artigo é delimitar práticas mágicas muçulmanas. Foi realizada uma revisão bibliográfica nas plataformas LILACS, Google Scholar e Scielo e nos registros de museus. Foram encontrados dados que revelam que o mal é representado de acordo com o imaginário de cada cultura e a ideia de mal no Islamismo, Deus é bondoso e soberano em tudo, predestinando a vida dos seres humanos e do mundo. Não há mal que se sobressaia ou se iguale a Ele, pois Ele é tudo que é e tudo o que não é. Os elementos mágicos mais recorrentes foram amuletos, anéis, a Mão de Fátima, além da forma do hexagrama e do pentagrama. Identificou-se as ideias de que Deus é o único capaz de abençoar ou livrar os seres humanos. O mal cumpre um papel na organização do mundo e existe porque Deus permite. Todos os desejos e orações são direcionados para Allah, e amuletos são usados para fortalecer as súplicas e o amor a Deus. Os amuletos têm diferentes padrões culturais e as frases do Alcorão são comuns neles.

Palavras-chave: Magia. Encantamento. Islamismo. Amuletos. Popular.

ABSTRACT

Magical practices are religious products that are semiotic and semantically syncretic, and are intertwined with specific aspects of popular religious practices. In Islam, magic is manifested through the use of amulets and talismans, which contain the names of God and excerpts from the Koran. The purpose of this article is to delimit Muslim magical practices, which have been studied through a bibliographic review conducted on the LILACS, Google Scholar, and Scielo platforms, as well as through museum records. Our findings reveal that the representation of evil varies according to the imagination of each culture. In Islam, God is kind and sovereign in everything, predestining the lives of human beings and the world. There is no evil that can excel or equal Him, for He is everything that is and everything that is not. Among the most recurrent magical elements in Islamic practices are amulets, rings, the Hand of Fatima, the hexagram, and the pentagram. The ideas that God is the only one able to bless or deliver human

¹ Doutoranda em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE). Mestre em Ciência das Religiões pela Universidade Lusófona de Lisboa (ULHT). Bacharel em Nutrição pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Investigadora de religiosidades contemporâneas e populares

² Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicologia (UFF). Professor de graduação em Psicologia na Faculdade Maria Thereza (FAMATH) e na Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Laboratório de Psicanálise e Laço Social (LAPSO/UFF). Coordenador da Pós Graduação em Fundamentos da Clínica Psicanalítica (FAMATH).

³ Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela UERJ/FEBF (2018), possui pós-graduação em História (s) e Cultura (s) Africana (s) e Afro-brasileira (s) pela FEUDUC/IPN (2018) e ingressou em História pela Universidade Castelo Branco (2013). Atualmente é membro dos grupos de pesquisa CULTNA, EGBÉ e A Cor da Baixada. Membro do LABHOI/UFF Laboratório de História Oral e Imagem, Rede de Pesquisa da Universidade Federal Fluminense.

beings were identified. Evil plays a role in organizing the world and exists because God allows it. All wishes and prayers are directed towards Allah, and amulets are used to strengthen supplications and love of God. Amulets have different cultural patterns, and Quranic phrases are common in them.

Keywords: Magic. Enchantment. Islam. Amulets. Folk.

INTRODUÇÃO

Ao tratar de uma temática ligada à palavra magia, abre-se uma dificuldade aos pesquisadores, uma vez que a palavra possui diferentes significados, os quais variam conforme tempo e local. Para Nogueira (2020, p. 30) “magia é um produto religioso semiótica e semanticamente sincrético, que por sua vez, deve ser estudado nas variantes de materiais, semânticas, pragmáticas, que inclusive aglutinam textos de diferentes gêneros.”.

Quando no âmbito do Islamismo, em que este trabalho está integrado, há um cuidado latente quanto ao uso do termo, como salienta Savage-Smith (2004, p.13), “Além disso, as tentativas mais modernas de definir magia e adivinhação no Islã foram feitas em termos da prática europeia, que quase sempre invoca outras forças além de Deus⁴”, desta forma, os conceitos trazidos pela maioria dos autores de esoterismo, mostram-se inapropriados quando no contexto islâmico, onde o termo magia pode vir a ser um tabu.

Savage-Smith (2004) menciona a palavra *sihr* para designar magia dentro da cosmovisão islâmica, onde se enquadram, segundo a autora, a criação de belas poesias, estudo das propriedades das plantas, invocação de Deus por meio do auxílio de Jinns, demônios ou espíritos ligados aos astros e ocasionalmente, divinações como astrologia. Sobre os Jinns, cabe ressaltar que são seres da mitologia islâmica, cujo nome vem do substantivo *Jannah* (jardim) que significa esconder ou ocultar, sendo figuras presentes no imaginário popular. Dentro das práticas mágicas encontradas entre os muçulmanos está o uso de amuletos, também chamados talismãs na cosmovisão islâmica. Confirmam estes dados, os acervos do Museu Britânico, Museu de Israel e do Museu Metropolitano de Arte de Nova York, que possuem artigos islâmicos arqueológicos como anéis, pingentes, roupas e tigelas, usados para proteção. A maior

⁴ No original: “Moreover, most modern attempts to define magic and divination in Islam have been made in terms of European practice, which nearly always invokes forces other than God”.

parte dos amuletos islâmicos contém escritos em árabe contendo orações, pedaços do Alcorão e os nomes de Deus (RAHMATULLAH *et al*, 2013).

Nogueira (2020) define amuletos como uma fórmula que foi executada, e por isso estes objetos recebem um valor especial no campo da religião, uma vez que sua confecção afirma a existência de uma crença e de uma prática ligada a determinada religiosidade. Diferente de textos, que podem contar sobre um ritual que nunca tenha sido reproduzido, os amuletos, principalmente quando encontrados replicados, confirmam uma visão de mundo e a aplicação de uma técnica considerada sagrada.

A presente pesquisa, de natureza interdisciplinar, buscou levantar objetos pertinentes ao estudo em museus com exposição digital, bem como buscas em bancos de publicações acadêmicas, principalmente LILACS, Google Scholar e Scielo. Deu-se preferência a peças entre os séculos XIX e início do XX. Sobre a especificidade do ramo do Islam utilizada, o afunilamento do artigo é voltado para as práticas vinculadas ao sufismo, que por sua vez, corresponde ao esoterismo do Islam. Para a bibliografia selecionada para esta composição, deu-se preferência ao levantamento de dados mais recentes sobre o tema e de títulos renomados no assunto. Contou-se também com o apoio do departamento de história da Universidade Federal Fluminense que disponibilizou dados catalogados para tese intitulada “Salamaleco! Maneco Lassalama!” - Magia e Encantamento entre os Africanos e Afrodescendentes Muçulmanos no Rio de Janeiro 1890-1937.

AS FORÇAS DO MAL

Segundo Silva (2011, p. 123), “Do ponto de vista antropológico, o mal é representado de acordo com o imaginário de cada cultura”. Desta forma, para compreender como a ideia de mal se apresenta dentro de uma religião, no caso desta pesquisa sobre o Islamismo, é preciso atentar para quais culturas influenciaram sua criação, bem como, para algumas peculiaridades culturais próprias do local onde a religiosidade se manifesta. Silva (2011) explica que a interpretação é feita por meio dos símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas. Esse conjunto de elementos constroem o imaginário. É o “imaginário” que, segundo o autor, irá dentro de cada estrutura religiosa buscar explicar o mal, sua origem e função.

Para os muçulmanos, Deus, chamado em sua maioria como Allah, predetermina e predestina a vida dos seres humanos e de tudo que lhes cerca. Allah possui uma natureza completamente bondosa, e portanto, a maldade não é uma categoria divina, nem de Allah. Deus é soberano entre todas as forças universais, ele é O Manifesto e O Oculto, e desta maneira, não há mal que possa se sobressair ou se igualar a Ele. Allah é tudo que é e tudo aquilo que não é, pois não sendo assim, ele não seria o Todo.

Na pesquisa de Stombe *et al* (2006), percebeu-se que em comparação ao Cristianismo e o Judaísmo, o mal atrai menor atenção no Islamismo. Para os autores, a explicação possui raízes teológicas, pois na teologia islâmica o pecado é um ato individual, e a concepção de mal está sempre subordinada a Deus.

O dogma central do Islão destaca sobre a unicidade de Deus, como bem expressa o primeiro pilar, também conhecido como *Shahadah*, “*lā 'ilaha 'illā-lāh an Muhammadur rasūlu llāhi*”, ou seja “Não há outra divindade além de Deus e Muhammad é seu Mensageiro”. Neste caso, seria incoerente compreender o mal como a existência de uma força autônoma a Deus, pois nada se compara ou se sobrepõe a Deus, como também lembra a Sura 112:1-4 “Deus, o Absoluto. Jamais gerou ou foi gerado! E ninguém é comparável a Ele!”.

Em contrapartida, *shirk*, que é o maior dos pecados, corresponde ao politeísmo ou ainda, em aceitar a existência de alguma divindade diferente ou fora de Allah. Desta forma, mesmo que o Islão aceite a existência de anjos, demônios e djinns, estes seres sempre fazem parte da organização de Deus.

A concepção do mal não é vista como um elemento à parte, autônoma de Allah, mas como algo que tenta desviar os seres humanos da senda do bem, conduzindo-os a desobedecer às ordens do Absoluto. Na tradição primitiva do Islamismo, destacam-se dois nomes de “*Schaitan*” e “*Iblis*” (STOMBE *et al*, 2006). Segundo os autores, em alguns momentos no Corão, eles parecem ser descritos como a mesma força maligna, responsáveis por testar os seres humanos e auxiliando quanto à definição do caminho em direção ao inferno ou ao paraíso. Schaitan, Satan ou Shaitan, realiza este trabalho com consentimento de Deus, que por sua vez, dá o livre arbítrio ao homem. Sendo assim, na cosmovisão muçulmana, o sentido do mal tem como um dos objetivos principais: validar o bem.

Na compreensão islâmica, *Shaitan* sussurra aos homens e é o Ego a parte sensível que se deixa levar por tais distrações. Como se encontra no Alcorão, na Sura 114:4-5 “Contra o mal do sussurro do malfeitor. Que sussurra aos corações dos humanos”. Na busca por afastar aquilo que conduz aos caminhos maléficos, indica-se, portanto, que o fiel busque ter disciplina constante, não perdendo assim, a concentração em Deus e no caminho por ele determinado.

O *Jihad*, por sua vez, deve ser compreendida, primeiramente, como uma guerra interior, entre as forças benéficas e maléficas à vida humana. Essa batalha pessoal, para autores como Ibn ‘Arabī, Rūmī e Umm Talq (Darmawan, 2020), a qual é importante para distinção entre o justo e o injusto, verdadeiro e falso, e também, para consciência sobre o bem.

Sobre a inveja especificamente, Santa-Cruz (2013) afirma que o Alcorão faz alusão a existência de uma energia externa ao indivíduo, conhecida também por “olho gordo”, que tem a finalidade de reduzir ou tirar aquilo que lhe é bom. Defende, ainda, que o profeta reconhece a existência de um mau-olhado (“*ayn*”).

Assim sendo, entende-se que para teologia muçulmana há apenas uma maneira de banir ou afastar os agentes causadores do mal na vida humana, e a única via é através de Deus. Apenas Ele quem livra e abençoa, como comprova na Sura do Alcorão 72:22, conforme modelo saudita: “Em verdade, ninguém poderá livrar-me de Deus, nem tampouco acharei amparo algum fora d’Ele”.

OS AMULETOS

O termo “amuleto” pode ser compreendido como sinônimo do termo talismã, derivado por sua vez da palavra grega *telesma* (SAVAGE-SMITH; SAIF; PORTER, 2017, p. 542). Pode ser visto como um objeto usado para proteção ou para atrair algo positivo. Um amuleto, também é, a materialidade de uma benção, ou o pedido desta. “Amuletos ou talismãs são objetos de uso pessoal cuja finalidade é proteger o indivíduo que o carrega das forças do mal⁵” (PÉREZ, 2014, p. 65).

Os amuletos não devem ser vistos como objetos dessacralizados, uma vez que toda sua elaboração, fabricação, consagração e uso envolvem uma série de detalhes cuidadosamente racionalizados e explicados pela ótica religiosa a qual faz parte. Nogueira (2020, p. 30) complementa: “Os elementos escolhidos, as entidades evocadas, as imagens, textos,

⁵ No original: “Los amuletos o talismanes son objetos de uso personal cuya finalidad es la de proteger al individuo que lo porta de fuerzas malignas.”

invocações, enfim, todos os elementos que compõem um ritual, uma fórmula mágica ou um amuleto são escolhidos com precisão e propõem modelos de mundo e de ação”.

A fabricação e o uso de objetos com símbolos, e palavras, sagrados como meio de atrair as bênçãos de Deus, parecem fazer parte da religião islâmica desde sua origem. Santa-Cruz (2013, p. 17) diz que “Usar talismãs para proteção ou contra ódio foi uma das muitas práticas pré-islâmicas absorvidas na cultura islâmica primitiva e toleradas por sua teologia⁶”.

Em complemento ao dado anterior, McGeoch (2019) em sua pesquisa sobre os muçulmanos na diáspora negra da África para o Brasil, quando se estabeleciam as primeiras religiões luso-afro-ameríndias, descreve que os muçulmanos eram identificados por suas roupas e por carregarem amuletos, principalmente feitos de couro, ou papéis contendo partes do Alcorão. No chamado mundo islâmico, isto é, países em que o modelo de organização social e político está ligado aos dogmas e orientações religiosas próprias do Islamismo, os materiais para elaboração de amuletos, geralmente são, metais e pedras semi preciosas, como cornalina e calcedônia, para usos pessoais e em ambientes (SAVAGE-SMITH; SAIF; PORTER, 2017).

Outro amuleto largamente utilizado pelos africanos muçulmanos no Brasil era o *masbaha*, também chamado tessubá. Trata-se de um colar com 33 ou 99 contas, utilizado por alguns muçulmanos em suas preces e orações. Entre meados do século XIX e início do XX, esse objeto era bem conhecido pelas autoridades policiais. Isso por que durante a época de intensa perseguição, após o levante de 1835, em que escravizados e libertos africanos do grupo de procedência mina/nagô foram duramente perseguidos, e em alguns casos expulsos do país, quando tinham suas casas revistadas pela polícia, era comum que fossem encontrados esses objetos religiosos. Os africanos interrogados na devassa em Salvador explicavam que o objeto era utilizado em cerimônias religiosas e durante as aulas nas *madrassas* (Escolas Corânicas) improvisadas. Um dos interrogados descreveu um desses objetos que tinha cinquenta centímetros de comprimento, noventa e nove contas de madeira, terminando com uma bola. Todos os objetos encontrados nessas casas e ligados às práticas religiosas malês (muçulmanas), ganhavam a qualificação de subversivos, provas de rebeldia, nocivos à ordem social.

Esse amuleto tipicamente muçulmano também foi observado em Serra Leoa entre os anos de 1840 e 1846, por Elisabeth Hellen Melville (1849), esposa de Michael Melville, membro da comissão mista que julgava os navios negreiros apresados pela marinha britânica, na ocasião da proibição do comércio de escravizados africanos pela Inglaterra. A senhora

⁶ No original: “Portar talismanes como protección o contra el aojamiento, fue una de las muchas prácticas pre-islámicas absorvidas por la cultura islámica primitiva, y tolerada por su teología”

Melville escreveu sobre as nações muçulmanas que andavam pela cidade de Freetown (capital de Serra Leoa). Detalhou que homens e mulheres eram identificados pela maneira de se vestirem e pela utilização de um ou mais amuletos no pescoço, que chamavam grigris (chamados no Brasil de mandingas ou breves). Além disso, a senhora Melville observa que todos andavam com um colar de contas o *masbaha*, confeccionados, algumas vezes, com contas de madeira ou contas de vidro. Os que chegavam na cidade para negociar carregavam também uma sacola feita de couro, onde acomodavam um exemplar do Alcorão.

Os amuletos ou talismãs são utilizados não apenas para afastar o mal e livrar-se de infortúnio, mas também para atrair benevolências, como aumentar a fertilidade. As súplicas encontradas são sempre e exclusivamente direcionadas a Deus, Allah, pois apenas ele é capaz de abençoar.

A diferença entre as invocações mágicas no mundo islâmico e as da Europa (tanto pré-cristãs quanto cristãs) é que no Islã as invocações são mais frequentemente (embora não exclusivamente) dirigidas a Deus e não aos demônios. Assim, embora o artefato possa ter alguma escrita mágica e símbolos mágicos, eles são predominantemente súplicas a Deus para ajudar e proteger o portador⁷ (SAVAGE-SMITH, 2004, p. 23).

Savage-Smith, Saif e Porter (2017) reforçam a diferença entre os amuletos islâmicos comparados aos objetos talismânicos utilizados na magia romana, iraniana primitiva ou em qualquer outra magia pré-islâmica, principalmente aos que fazem uso de seres demoníacos e espíritos dos mortos. Isso porque, é comum ocorrer confusão entre pesquisadores ao encontrar peças arqueológicas de uso religioso contendo escritas do tronco linguístico árabe, que são erroneamente atribuídas ao Islamismo.

A utilização de selos de impressão (*taba'* ou *jātam*) pela comunidade muçulmana está documentada desde os primórdios do Islão, sendo geralmente epigráficos e austeros, embora os exemplares mais arcaicos preservados apresentem símbolos e figuras de tradição pré-islâmica (romana, bizantina, sassânida ou outras culturas); desconhecido até agora, selos árabes pré-islâmicos.⁸ (GALLEGO; LOZOYA; MARTÍNEZ, 2013, p. 205).

⁷ No original: “The difference between magical invocations in the Islamic world and those of Europe (both pre-Christian and Christian) is that in Islam the invocations are most often (though not exclusively) addressed to God rather than to demons. Thus, while the artefact may have some magical writing and magical symbols, they are predominantly supplications to God to aid and protect the bearer”

⁸ No original: “El uso de los sellos impronta (*taba'* o *jātam*) por la comunidad musulmana, están documentados desde los primeros tiempos de Islam, siendo por lo general, epigráficos y austeros, aunque los ejemplares más arcaicos conservados, presentan símbolos y figuras de tradición preislámica (romanos, bizantinos, sasánidas o de otras culturas); no conociéndose hasta el momento, sellos árabes preislámicos.”

Usualmente nos amuletos muçulmanos, estão grafados os 99 nomes de Deus, versos do Alcorão, invocações a Deus, nomes dos anjos, símbolos que fortalecem a súplica e quadrados mágicos (RAHMATULLAH *et al*, 2013). Al-buni, Toufic Fahd e Emilie Savage-Smith são exemplos de autores que abordam o tema.

Freqüentemente, um ritual ou um “feitiço” é carregado com uma oração. Esta pode ser uma fórmula ortodoxa da tradição de “orações respondidas” derivada do hadith, embora al-Buni também recomende invocações de ruhaniyyat, anjos, gênios e “servos”, mas sempre como entidades subservientes a Deus e atualizando o trabalho mágico. Com Sua permissão, trabalhando através do esquema de letras cósmicas e suas associações corânicas e devocionais⁹ (SAVAGE-SMITH, SAIF & PORTER, 2017, p. 532).

Vale salientar o papel importante dos talismãs junto das medicinas populares, principalmente em sociedades muçulmanas mais antigas. Mesmo sendo estas, práticas não aceitas por todos muçulmanos, fizeram, e ainda fazem, parte da vivência religiosa de algumas comunidades islâmicas. Rahmatullah *et al* (2013, p.415) dizem: “a medicina popular também pode consistir em encantamentos, uso de amuletos, uso de textos religiosos e realização de adoração ou rituais especiais de acordo com as crenças religiosas de alguém¹⁰”. Ainda segundo os autores, neste estudo realizado em Bangladesh, é comum o uso de versos do Corão em forma de amuleto para afastar doenças. Dentre as práticas citadas:

Incluindo o uso regular de amuletos, tabelas numerológicas e desenhos gráficos, cultos e encantamentos, e que consistia em usar, recitar e até beber textos religiosos escritos em cores solúveis em água que eram embebidos em água para dissolver as letras, seguido de beber a água¹¹ (RAHMATULLAH *et al*, 2013, p. 416).

Práticas como estas são bastante comuns na região de Bangladesh, porém nem todas são de natureza exclusivamente islâmica. Como um fenômeno social e histórico natural, algumas práxis de linhas religiosas diferentes se mesclam, e por isso, a importância em analisar cada amuleto individualmente no intuito de reconhecer suas raízes esotéricas. Cita-se como

⁹ No original: “Often a ritual or a “spell” is charged with a prayer. This can be an orthodox formula from the tradition of “Answered Prayers” derived from the hadith, although al-Buni also recommends invocations of ruhaniyyat, angels, jinn, and “servants,” but always as entities subservient to God and actualizing the magical work by His permission, working through the cosmic letter scheme and its Qur’anic and devotional associations.”

¹⁰ No original: “folk medicine can also consist of incantations, wearing amulets, use of religious texts, and performing special worship or rituals according to one’s religious beliefs.”

¹¹ No original: “including regular use of amulets, numerological charts and graphic designs, worships, and incantations, and which consisted of wearing, reciting, and even drinking religious texts written in water-soluble color which were soaked in water to dissolve the letters followed by drinking the water”

exemplar, os manuscritos descobertos na Sinagoga Ben Ezra, no Cairo, do início do período islâmico e de natureza Judaico-Árabe. Estes manuscritos com temática mágica misturam tradições judaicas e islâmicas.

Ainda sobre amuletos de uso popular para curas, há o exemplo, de uma tigela de metal encontrada da Síria de 1170 d.E.C. Nela são encontrados escritos corânicos e uma listagem dos males que o uso da tigela pode curar, como picadas de cobras, febre, problemas no parto, picada de escorpião e proteção contra inveja. Apesar das tigelas não terem sido encontradas na literatura esotérica escrita, foram descobertas em números consideráveis, o que indica que seu uso tenha vindo, provavelmente, de costumes pré-islâmicos, ao exemplo das tigelas aramaicas.

No Rio de Janeiro de início do século XX diversos desses amuletos foram apreendidos pela polícia e estão listados nos processos criminais do artigo 157 do Código Penal de 1890, que proibia “Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública”. Como exemplo, o processo criminal de João Sany, famoso alufá (sacerdote muçulmano) da cidade (AN - CQ.0.PCR.472), de 1908, teve os seguintes objetos de culto apreendidos: um Alcorão em português, outro em árabe, quatro tábuas com água de arroz queimado, penas e peles de animais, duas pastas contendo orações em árabe, um livro manuscrito em árabe, um couro de carneiro branco, dentre outras coisas bem comuns de se encontrar nas casas desses alufás no Rio de Janeiro.

As tábuas de madeira eram utilizadas para a aprendizagem do Alcorão. Freyre (1995) observa um ritual curioso, os praticantes da religião importavam uma tinta azul da África, e com ela escreviam sinais cabalísticos em tábuas de madeira, por fim, lavavam essa tábua e a água com a tinta era bebida por quem quisesse “fechar o corpo; ou atiravam-na no caminho da pessoa que se pretendia enfeitiçar” (FREYRE, 1995, p. 312).

João Sany tinha como principal clientela pessoas em busca de fórmulas e trabalhos para o amor, em seu processo estão anexados diversos bilhetes com pedidos de intervenção para relacionamentos amorosos. Essa água de tinta de arroz queimado com que as tábuas eram lavadas, além de serem ingeridas com o propósito de “fechamento de corpo”, cura e proteção, serviam para melhorar a sorte no amor daquele que ingerisse com esse propósito.

Sobre a utilização dessas tábuas com fins de proteção, o alufá Horácio de Sá Pacheco (AN - CS.0.PCR.306), africano muçulmano preso pela polícia do Rio de Janeiro em 1907, também pelo artigo 157 do Código Penal de 1890, foi acusado por uma das testemunhas de acusação que teria ido se consultar com o mesmo por estar com a saúde debilitada. A

testemunha conta que Horácio “depois de escrever em uma tábua com uns pauzinhos e uma tinta preta, disse a ele que ia fechar seu corpo (...) contra qualquer coisa que viesse a fazer mal” (CS.0.PCR.306, fls. 8v, 9). Em sua defesa, Horácio explica que “defende os corpos das pessoas contra o mal (...), assim como dá remédios e ervas a quem precisa, inspirado pelo Deus Allah, à quem adora. (...) e que os objetos apreendidos tem muito valor de cura e outros servem para seu trabalho inspirado por Deus” (CS.0.PCR.306, fls. 10v, 11).

Seja o talismã em formato de roupa, utensílio, jóia, papel ou outro, sua existência destaca-se por deter valor sagrado, conectado aqui, com a supremacia de Allah. Para cosmovisão islâmica é inconcebível a prática da adoração, que não a Allah, desta maneira, vale ressaltar que o uso de tais peças não devem ser confundidas com a adoração das mesmas, visto que, estes objetos pertencem a uma dimensão simbólica e reafirmam a crença em Allah. Os amuletos se apresentam como veículo, recordação, direção e ancoramento ao encontro da benevolência divina.

O Anel

Gallego, Lozoya e Martínez (2013) relatam alguns anéis encontrados na Espanha, na província de Lorca, com preces e os nomes de Deus, como “Servo de Deus único, o servo de Allah o único”. É possível sugerir, segundo os textos e fragmentos históricos encontrados, que o amuleto de maior destaque dentre os diferentes povos muçulmanos deva ser o anel, que por sua vez é usado no dedo anelar da mão direita. Ainda que poucos estudos escritos tenham sido feitos sobre os anéis, é inegável seu valor e uso entre a comunidade religiosa, conhecida também como *Humma*.

Para Muhammad Hisham Kabbani, sufi libanes-americano, a Sunnah, ou seja, o registro de conjunto de práticas do profeta como uma espécie de modelo a ser seguido quanto à excelência da fé islâmica, presente no anel do profeta tem como objetivo carregar os louvores de Allah sempre consigo. Cada parte do objeto está louvando Allah, como uma espécie de mística única, que se liga às propriedades de cada pedra, metal e seus detalhes.

Para os muçulmanos, o anel de sinete significava um símbolo de poder, compilado ou extraído de lendas muçulmanas que falam do anel de Salomão,

como um personagem que, graças à ligação com seu anel, goza de grande sabedoria e poder¹² (GALLEGO; LOZOYA; MARTINÉZ, 2013, p. 206).

Como coloca Silva (2010, p. 133), “O Profeta é o modelo para a vida espiritual e a conduta dos muçulmanos.”. Para os muçulmanos, depois do Corão, suas ações e falas, são as fontes mais importantes como guia de uma boa conduta religiosa. Portanto, o uso do anel é uma das formas de conectar o fiél à benevolência e perfeição do Profeta.

A Mão de Fátima

Um dos símbolos mais utilizados no islamismo é a *khamisa*, conhecida como a mão de Fátima. O nome pode fazer associação a Fátima (605-632 ou 633), filha mais nova de Muhammad e da sua primeira esposa, Khadija. É comum encontrá-lo nas casas para afastar os maus espíritos, mas também na forma de pingentes. Não há registros que indiquem a origem do amuleto, mas é possível encontrar algumas suras, ao exemplo da 23:88 que diz que as mãos são um ponto de conexão com as forças divinas.

Este ícone proeminente era entre os muçulmanos medievais, particularmente os xiitas, um símbolo da providência divina, generosidade, hospitalidade e força/poder, bem como um amuleto eficiente que expulsava os maus espíritos que causavam doenças e infortúnios, bem como um repelente do mau-olhado¹³ (SANTA-CRUZ, 2013, p. 17).

O uso deste amuleto seria uma forma alternativa do “gesto de recitar a fórmula "hamsa fi'ayni-k" (cinco em seu olho) contra o sujeito que se acredita estar nos deixando doentes¹⁴”. Pode estar relacionado com o número cinco, uma vez que *Khamisa* significa cinco, e também por serem cinco os pilares do Islão: “o testemunho de fé, a oração ritual, a esmola, o jejum e a peregrinação¹⁵”. Há ainda, uma última correlação que se dá às cinco pessoas sagradas da linhagem familiar do profeta, “Muhammad, Ali, Fátima, Hassán y Hussein”. (SANTA-CRUZ, 2013, p. 18)

¹² No original: “Para los musulmanes, el anillo con sello, significaba un símbolo de poder, recopilado o extraído de las leyendas musulmanas que hablan del anillo de Salomón, como personaje que gracias a la vinculación con su anillo goza de gran sabiduría y poder.”

¹³ No original: “Este destacado icono fue entre los musulmanes medievales, particularmente los shiíes, un símbolo de providencia divina, generosidad, hospitalidad y fuerza/poder, así como un eficiente amuleto que expulsaba los malos espíritus causantes de las enfermedades y las desgracias además de repelente del mal de ojo”

¹⁴ No original: “gesto de recitación de la fórmula “hamsa fi'ayni-k” (cinco en tu ojo) contra el sujeto que se cree que nos está aojando”

¹⁵ No original: “el testimonio de fe, la oración ritual, la limosna, el ayuno y la peregrinación”

Durante a Idade Média a mão de Fátima era elaborada em muitos tipos de materiais, como prata, madeira pintada ou talhada, como parte de uma escultura, manuscritos, jóias, peças de decoração e cerâmica. Fato que se pode conferir nos acervos do Museu de Israel.

Fátima é a filha do profeta, que é exemplo de mãe, filha e esposa. Na Síria, os cristãos usaram uma espécie de mão de Fátima, mas que chamaram neste caso de mão de Maria. Porém, em ambas comunidades as mãos foram usadas como elemento de proteção de gestações, para aumentar a fertilidade ou o leite nas mamas e combatendo doenças que poderiam enfraquecer os bebês.

Hexagrama e Pentagrama

Encontrado em muitos dos amuletos muçulmanos, o símbolo de uma estrela de seis pontas, por vezes conhecida como Estrela de Davi, o hexagrama, é a intersecção de dois triângulos equiláteros. Sua função seria como um símbolo de total equilíbrio e dominação contra as forças do mal.

No Islã está intimamente relacionado com Salomão, exemplo de retidão, conhecimento e ponderação, e sua fama como símbolo protetor é bastante difundida, pois é considerado o selo que Deus deu àquele rei-profeta para subjugar os gênios (gênios ou demônios)¹⁶ (PÉREZ, 2014, p. 69).

Esse símbolo aparece sozinho ou junto de outros símbolos, números, palavras e versos considerados sagrados para o Islão. Uma das formas que costumeiramente aparece associada ao hexagrama é o pentagrama, a estrela de cinco pontas. Pérez (2014) reforça o quanto o número cinco possui significado para os muçulmanos:

son cinco los “pilares” del Islam, las oraciones diarias, la parte proporcional del azaque y del botín que ha de ser entregado al Estado, las generaciones que mantienen vigente la venganza tribal, los camellos de la diya o “precio de la sangre”, los dedos de la mano o las letras en grafía consonántica árabe del nombre del Profeta¹⁷ (PÉREZ, 2014, p. 69).

As Palavras

¹⁶ No original: “En el Islam está estrechamente relacionado con Salomón, ejemplo de rectitud, conocimiento y ponderación, y está muy extendida su fama como símbolo protector puesto que se considera que es el sello que Dios dio a ese rey-profeta para doblegar a los yinns (genios o demonios)”

¹⁷ No original: “son cinco los ‘pilares’ del Islam, las oraciones diarias, la parte proporcional del azaque y del botín que ha de ser entregado al Estado, las generaciones que mantienen vigente la venganza tribal, los camellos de la diya o ‘precio de la sangre’, los dedos de la mano o las letras en grafía consonántica árabe del nombre del Profeta”

O árabe é sagrado para os muçulmanos porque foi nesta língua que Deus, Allah, falou e se comunicou com o profeta.

As letras do alfabeto também eram agrupadas de acordo com os quatro elementos (fogo, ar, terra e água) e eram frequentemente representadas por numerais usando o sistema alfanumérico conhecido como abjad, mencionado acima, a antiga ordem semítica do alfabeto que começa alif , ba , jim , dal e, portanto, seu nome. Em alguns amuletos, as letras são combinadas com numerais. Em uma outra aparição da letra árabe, as fileiras de letras individuais são frequentemente repetidas, enquanto textos curtos, como o basmala ou alguns dos nomes de Deus, são escritos de forma isolada (com letras desconexas) que se acredita aumentar o poder do amuleto¹⁸ (SAVAGE-SMITH; SAIF; PORTER, 2017, p. 537).

São achados, escritos sagrados em tigelas, anéis, pulseiras, roupas, colares, placas, papéis e outros. Os amuletos quando feitos em papel, encontravam-se escritos à mão ou impressos em blocos, e quando necessário, carimbados com símbolos. Em alguns locais, como na África, costuravam-se os papéis junto a peças de roupa, e em outros, como Irã e Espanha, eram carregados em uma espécie de pequena caixa feita de prata ou chumbo. (SAVAGE-SMITH; SAIF; PORTER, 2017).

Outro uso das palavras bastante comum, é o de quadrados mágicos. Essa prática consiste em realizar um jogo de letras e números, que contém seus respectivos significados, para objetivos diversos. A maioria deles demonstra uma lógica matemática, como vemos nos estudos de Rahmatullah *et al* (2013), em que os autores analisam alguns quadrados mágicos. Nesta mesma pesquisa, realizada em Narsinghdi, Bangladesh, aparecem outras práticas que dão destaque ao poder das palavras, especialmente as ditas por Allah e descritas no Corão:

Fórmula 6 para tratamento de dor na testa: O faquir aconselhou o paciente a pressionar primeiro os dois lados da cabeça com o polegar e o dedo médio de cada mão. Em seguida, o paciente deve recitar a Surata Al-Fatiha do Alcorão uma vez enquanto leva lentamente os dedos à testa. Se isso não aliviar a dor de cabeça, o paciente deve recitar a Surata Al-Fatihah três vezes¹⁹ (RAHMATULLAH *et al*, 2013, p. 417).

¹⁸ No original: “Letters of the alphabet were also grouped according to the four elements (fire, air, earth, and water) and were frequently represented by numerals using the alphanumeric system known as abjad, mentioned above, the old Semitic order of the alphabet which begins alif , ba , jim , dal , and hence its name. On some amulets letters are combined with numerals. In a further appearance of the Arabic letter, rows of individual letters are often repeated, while short texts, such as the basmala or some of the names of God, are written in isolated form (with unconnected letters) which is believed to enhance the power of the amulet.”

¹⁹ No original: “Formula 6 for treatment of pain in the forehead: The fakir advised the patient first to press two sides of the head with the thumb and middle finger of each hand. Then the patient has to recite Surah Al-Fatihah from the Quran once while slowly bringing the fingers to the forehead. If this does not alleviate the headache, then the patient has to recite Surah Al-Fatihah thrice”

Pérez (2014) investigou amuletos islâmicos em Andalus, e afirma que a inscrição mais comum nos objetos estudados dizem respeito à sura CXII do Corão, que é uma sura que fala que Allah é um Deus único, eterno e que não há nenhum outro como ele. Também segundo a constatação do autor, as suras 113 e 114 são as mais indicadas para prática de exorcismo. Os símbolos geralmente encontrados, além das palavras e versos, são o hexagrama, pentagrama, octagrama, abóbada celeste, flor de lótus e a mão de Fátima.

Corroborando ao tema, Savage-Smith, Saif e Porter (2017), analisaram amuletos medievais e constatam três suras específicas nos talismãs: al-Falaq (Q113) e al-Nas (Q114), além da al-Ikhlâs (Q112)” e que de acordo com o teólogo muçulmano Al-Bukhari (810 e 870 d.E.C), A’isha, esposa do profeta, quando este adoeceu, recitava essas três suratas para manutenção de sua saúde. E complementaram destacando que as passagens mais populares do Corão são os versos de abertura de “Fatiha” e “ayat al-kursi” (Q2: 255), este último, também conhecido para afastar presenças malignas.

No continente africano, encontram-se alguns amuletos muçulmanos historicamente interessantes de observação, pois demarcam mudanças sociais significantes. Na cosmovisão africana antiga, a palavra uma vez escrita, estaria destinada à imobilidade, perdendo assim, sua vida e essência (BREGOLIN; SANTOS, 2018). Com a influência do império Persa e da expansão dos países árabes, amuletos e práxis misturam-se no continente africano. Tornando a escrita, no século VII, um elemento importante para religiosidade africana. Como o exemplo que segue:



Fonte: <https://africa.si.edu/>

Pingente esse do início do século XX, feito de chifre de carneiro e prata. Segundo o Museu Nacional de Arte da África, em Washington, nele está escrito: “o poder do Islã e o poder da palavra escrita.”. Segundo o museu, seu uso está ligado à proteção e à melhoria da saúde.

No Brasil era muito comum a utilização das chamadas “bolsinhas de mandinga”, grigris

ou breves entre os muçulmanos e depois entre os adeptos do Candomblé. No interior dessas bolsinhas de couro continham papéis com caracteres árabes, às vezes reproduzindo passagens do Alcorão e outras vezes com palavras cabalísticas, juntamente com ervas e outros objetos (Silva Filho, 2012).

Nina Rodrigues (1977), colecionador de manuscritos árabes de africanos, buscou a tradução de um dos papéis encontrados na roupa dos mortos no Levante de 1835 em Salvador, ele chegou a enviar a peça para Paris, para o *Office Hansfeldes Traductions Légales et Autres en Toutes Langues*, e lá obteve a confirmação de se tratar de versetos do Alcorão, algumas palavras místicas escritas de modo simbólico ou mágico. Um dos versetos contidos nesses manuscritos foi traduzido da seguinte forma:

No alto: Em nome de Deus Clemente e Misericordioso.

129. — Um profeta veio para vós, um profeta tomado entre vós. Vossas iniquidades lhe pesam, ele deseja ardentemente ver-nos crentes. Ele é cheio de bondade e de misericórdia.

130. — Se eles se afastam (de teus ensinamentos), diz-lhes: “Deus me basta. Não há outro Deus senão ele”. “Pus nele a minha confiança; é o possuidor do grande trono” (isto é, o trono da majestade divina).

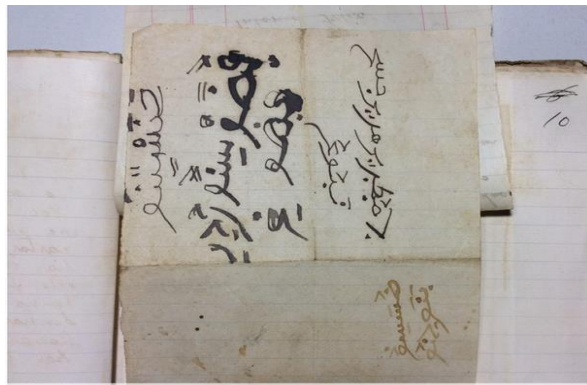
Depois: Os versetos 129 e 130 da 2ª Surata do Corão, repetidos trinta vezes (...).

(RODRIGUES, 1977, p. 72).

Esse é um exemplo de um verseto que pode ser traduzido completamente, o que não é o caso de muitos dos inscritos encontrados no Rio de Janeiro. Nina Rodrigues (1977) explicou que a maior parte dos manuscritos de sua coleção particular que conseguiram ser traduzidos continham nos cantos da folha a frase “*Bismillah*”, que traduzido quer dizer “Em nome de Deus Clemente misericordioso”, essa frase indica que se trata de uma *Fa'idah* (benefício), que eram amplamente utilizadas na região da África Ocidental. As *Fa'idah* ensinam métodos para alcançar alguma graça, ou seja, um encantamento. Existem *Fa'idah* para diferentes casos, como por exemplo, ajudar na memorização do Alcorão, ter habilidade para se esconder, ter boa sorte, caçar e trazer malefícios a inimigos. Existem *Fa'idah* que ensinam a ter mais sabedoria tomando banho ou bebendo a água da lavagem da tábua onde aprendiam o alcorão.

Um manuscrito parecido com o de Nina Rodrigues (1977) foi encontrado com o já mencionado alufá João Sany. Encontra-se arrolado em seu processo, juntamente com alguns

bilhetes de clientes. O conteúdo desse inscrito em caracteres árabes ainda não pôde ser completamente traduzido por se tratar de um árabe até então desconhecido, o grupo de pesquisa Egbé, grupo que reúne diferentes pesquisadores brasileiros que pesquisam o sagrado afro-brasileiro, vem unindo esforços com estudantes de diferentes regiões africanas e com a ajuda da York University, para a tradução desse verseto, contudo, o que temos até o momento são as traduções de palavras desconexas, “Allah” e “benefício”. Como o papel estava junto com os demais bilhetes, em primeiro momento cogitou-se ser mais um bilhete, talvez de outro muçulmano se comunicando, porém, como descobrimos a palavra “benefício”, é mais provável que se trate de uma *Fa'idah*, um amuleto que Sany poderia estar confeccionando para algum cliente ou para si mesmo, utilizando o poderoso nome de “Allah” para proteção.



Fonte: Processo CQ.0.PCR.472, 1908, Arquivo Nacional.

A utilização das mandingas, ou grigris, é mencionada por pesquisadores da região ocidental africana. Thiago Mota (2018) conseguiu encontrar relatos da confecção desses amuletos no século XVII na região da Senegâmbia, eram produzidos por marabutos²⁰ que ganhavam a vida ensinando a ler e escrever o Alcorão, além de fazer os grigris para a proteção contra acidentes. Os marabutos exerciam o mesmo papel que os alufás no Rio de Janeiro, eram os responsáveis pela educação dos neófitos e pela propagação da religião. Era necessário que as pessoas reconhecessem nos líderes muçulmanos (marabutos ou alufás) capacidades de resolução de problemas cotidianos: oferecimento de bênçãos e proteções para guerras, a prática da cura de doenças, melhorias de habilidades e proteção contra a escravização, tudo isso faria

²⁰ Derivação portuguesa do termo árabe *murabit* (amarrar, ancorar) cujo significado remete entre homem e Deus. (GEERTZ, Cliford. *Observando o Islã: O Desenvolvimento Religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2004, p. 55.

a fé muçulmana mais acessível, se encaixando na dinâmica da vida social.

No Rio de Janeiro o jornalista João do Rio, em 1904, em suas andanças pela cidade encontrou essas bolsinhas penduradas nos pescoços das pessoas que acreditavam em seu poder mágico de proteção, em sua maioria produzida por alufás, alguma delas bem que poderia ter sido confeccionada por João Sany e seus compatriotas muçulmanos da cidade.

Quantas orações andam por aí impressas em folhetinhos maus, vendidas nas grandes livrarias e nos alfarrabistas, exportadas para a província em grossos maços, ou simplesmente manuscritas, de mão em mão, amarradas ao pescoço dos mortais em forma de breve! Há nessa estranha literatura edições raras, exemplares únicos que se compram a peso de ouro; orações árabes dos negros muçulmins, cuja tradução não se vende nem por cinquenta mil réis; orações de pragas africanas, para dizer três vezes com um obi na boca; orações para todas as coisas possíveis e impossíveis (JOÃO DO RIO, 1995, p. 21).

A circulação desses amuletos na cidade era comum até entre os católicos e nos dias atuais ainda se faz presente entre praticantes do Candomblé e católicos, com o objetivo de proteção, mas contendo em seu interior outros objetos. Outras correlações entre o islamismo e as práticas religiosas afro-brasileiras, tais como roupas e componentes ritualísticos, já foram apontados em trabalhos anteriores, mas ainda necessitam de maiores amplitudes de pesquisa (MARTINS, 2022).

CONCLUSÃO

A religiosidade vivida, seja ela como for, permite aos pesquisadores uma maneira mais próxima, real e sentida sobre os fenômenos religiosos. O amuleto, fala sobre a fé que o gerou, abordando principalmente, dentro de um contexto sócio-político, sobre necessidades, medos, buscas, arte e crenças de um grupo.

Apesar da dificuldade no encontro de materiais escritos confiáveis ao tema central do artigo, foi possível junto dos trabalhos realizados por museus em modelo digital, constatar tópicos coerentes e de valor acadêmico. Entre os pontos encontrados, de comum acordo científico e alinhadas com os dogmas da religião islâmica, destacam-se: A unicidade de Allah, sendo ele o único capaz de abençoar ou livrar os seres humanos; não há compreensão do mal como uma força independente de Allah, ela cumpre seu papel na organização do mundo e existe

porque Allah assim permite; gênios, anjos e outros seres podem apenas servir como guias, mas todos os desejos e orações são direcionados para Allah; o uso de amuletos não é administrado como adoração, mas sim como um meio de fortalecer as súplicas e o amor a Allah; há amuletos em padrões diferentes de acordo com influências culturais; a maioria dos amuletos encontrados tem a escrita, principalmente com frases do Alcorão, como elemento principal.

Cabe reforçar aqui o conceito de *Shirk*, o pecado de maior peso na fé islâmica, pois está diretamente ligado aos pontos levantados anteriormente. O *Shirk* enfatiza a direção das práticas religiosas, deixando clara a concepção da unicidade de Allah, bem como sobre o erro na adoração de qualquer outra deidade.

Ainda que o tema possa sugerir um certo tabu entre alguns membros muçulmanos e não muçulmanos, vale salientar o valor histórico, social e religioso destes objetos. É comum os estudos com amuletos nas áreas da história, antropologia, museologia e arqueologia, porém vindos da óptica da religião, ainda são escassos. Ao agregar as competências do âmbito da religião, integra-se às demais ciências a compreensão sobre o fenômeno religioso, de maneira que o objeto passa a ser símbolo de como uma sociedade molda sua fé, e de como esta por sua vez molda os seres humanos.

Fica claro também, que para uma análise melhor fundamentada sobre o assunto, onde se inclui o tipo de talismã específico que se deseja estudar, seria preciso uma abordagem científica única para cada um dos objetos. Pois como já foi dito por Nogueira (2020), um amuleto é dotado de muitos detalhes, onde todos os processos de sua confecção e uso são repletos de intenções e fé. Este trabalho buscou por evocar a importância dessas peças que fazem parte da vida religiosa muçulmana, como também, almeja servir de mote para que futuros trabalhos possam se desenvolver e orientar com maior profundidade acerca de tal prática no Islamismo.

REFERÊNCIAS

Documentação

BRASIL. Código Penal de 1890. Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890. <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>

Processo de Horácio de Sá Pacheco. CS.O.PCR.306, 1907, Arquivo Nacional.

Processo de João Sany. CQ.O.PCR.472, 1908, Arquivo Nacional.

Bibliografia

ÖZAY, ALEV. "Camisa talismânica" em **Discover Islamic Art**, Museum With No Frontiers, Acedido em 12 de Junho de 2021 em : http://islamicart.museumwnf.org/database_item.php?id=object;isl;tr;mus01;18;en

BHUIYAN, P., KHATUN, Z., JAHAN, S., MORSHED, M., RAHMAN, S., AFSANA, N. A.; RAHMATULLAH, M. Use of Quranic verses, amulets, numerology, and medicinal plants for treatment of diseases: a case study of a healer in Narsinghdi district, Bangladesh. **American-Eurasian Journal of Sustainable Agriculture**, vol.7, n. 5, pp. 415-25, 2013.

BREGOLIN, D. B.; SANTOS, R. J. Candomblé e batuque: Abordagens a partir da Performance Ritual. **Movendo Ideias**, vol. 22, n. 2, pp. 27-34, 2018.

DARMAWAN, DARMAWAN. Interpretasi Esoteris Jihad dalam Tafsir Ibn'Arabi (Ta'wilat al-Kasyani). **Quran and Hadith Studies**, v. 9, n. 1, p. 25, 2020.

FREYRE, GILBERTO. **Casa Grande e Senzala- Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal**. Rio de Janeiro: Record, 30º Ed, 1995.

GALLEGO, R. S; LOZOYA, M.C; MARTÍNEZ, J. R. A. Estudio de un anillo con sello: Indicador arqueológico del ritual de enterramiento islámico y evidencia documental del primer asentamiento musulmán en Lurqa (Lorca, Murcia). **Estudios sobre Patrimonio, Cultura y Ciencias Medievales**, vol. 11, n. 12, pp. 195-214, 2013.

GEERTZ, CLIFORD. **Observando o Islã: O Desenvolvimento Religioso no Marrocos e na Indonésia**. Rio de Janeiro, Ed., 55, 2004.

MARTINS, NATASHA. **Arte no Candomblé: uma leitura feminina das obras de Neves e Sousa**. Repositório Universidade Lusófona de Lisboa, 2022.

MCGEOCH, G. Islã no Brasil: reflexões sobre educação e sociedade. **Caminhos de Diálogo**, vol. 7, n. 10, pp. 21-35, 2019.

MELVILLE, ELISABETH. **A Residence at Sierra Leone**. London: J. Murray, 1849.

MOTA, THIAGO. **História Atlântica da Islamização na África Ocidental- Senegâmbia, Séculos XVI e XVII**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História: Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, MG, 2018.

MUSEU BRITÂNICO, Londres. Acedido 29 de maio de 2021 em <https://www.britishmuseum.org/>

MUSEU DE ISRAEL, Jerusalém. Acedido em 29 de maio de 2021 em <https://www.imj.org.il/en>

MUSEU METROPOLITANO DE ARTE, Nova York. Acedido em 29 de maio de 2021 em <https://www.metmuseum.org/>

MUSEU NACIONAL DE ARTE AFRICANA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, Washington. Acedido em 29 de maio de 2021 em <https://africa.si.edu/collections>

MUSEU DO LOUVRE, Paris. Acedido em 29 de maio de 2021 em <https://www.louvre.fr/es>

NOGUEIRA, PAULO. Práticas mágicas no cristianismo primitivo: o estudo da religião popular nos amuletos cristãos. **Caminhando**, vol. 25, n. 1, 27-45, 2020.

REIS, JOÃO JOSÉ. **Rebelião Escrava no Brasil- A História do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIO, JOÃO DO. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, Coleção Biblioteca Manancial nº 47, 1976.

RODRIGUES, RAIMUNDO NINA. **Os Africanos no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Nacional: vl. 9, 1977.

SANTA-CRUZ, N. S. La mano de Fátima. **Revista Digital de Iconografía Medieval**, vol. 5, n. 10, pp. 17-25, 2013.

SAVAGE-SMITH, Emilie. **Magic and divination in early Islam**. Ashgate Variorum. 2004.

SILVA, A. O. O monoteísmo islâmico. **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 10, n. 115, pp. 125-136, 2010.

SILVA FILHO, Mário Alves. **A mística islâmica em Terræ Brasilis: o sufismo e as ordens sufis em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica PUCSP: Departamento de Ciências da Religião, 2012.

STOMPE, T.; BAUER, S.; ORTWEIN-SWOBODA, G.; SCHANDA, H.; KARAKULA, H.; RUDALEVICIENNE, P.; GSCHAIKER, S. Delusions of guilt: The attitude of Christian and Muslim schizophrenic patients toward good and evil and the responsibility of men. **Journal of Muslim Mental Health**, vol. 1, n. 1, pp. 43-56, 2006.